

Bordado e Pintura com agulhas: fios e formação em Artes Visuais em duas cidades cearenses

Antonia Camila Alves Moreira 

(Arte educadora e pesquisadora em Artes Visuais – Fortaleza/CE, Brasil)

RESUMO — Bordado e Pintura com agulhas: fios e formação em Artes Visuais em duas cidades cearenses — A partir da fala na mesa Arte/Educação e interculturalidade, no Encontro Internacional de Arte/Educação: grupos de pesquisa enREDE, em que fui convidada para falar do projeto aBarca – formação em artes para as juventudes, desenvolvido pela Escola Porto Iracema das Artes, buscamos tramar uma narrativa em primeira pessoa contextualizando a formação em artes visuais num mundo pós-pandêmico, a partir de duas experiências nas cidades de Quixadá e Crato. Apresentamos cada experiência para desenvolver pensamento sobre a relevância de uma educação intercultural na formação em artes visuais em projetos de Arte-Educação.

PALAVRAS-CHAVE

Bordado. Pintura com agulhas. Artes visuais. Arte-educação. Interculturalidade.

ABSTRACT — Embroidery and Painting with needles: threads and training in Visual Arts in two cities in Ceará — From the speech at the Art/Education and interculturality table, at the International Meeting of Art/Education: enREDE research groups, in which I was invited to speak about aBarca project – arts training for young people, developed by Escola Porto Iracema das Artes, we seek to plot a first-person narrative contextualizing training in visual arts in a post-pandemic world, based on two experiences in the cities of Quixadá and Crato. We present each experience to develop thinking about the relevance of intercultural education in visual arts training in Art Education projects.

KEYWORDS

Embroidery. Painting with needles. Visual Arts. Art Education. Interculturality.

RESUMEN — Bordado y Pintura con agujas: hilos y formación en Artes Visuales en dos ciudades de Ceará — Del discurso en la mesa Arte/Educación e interculturalidad, en el Encuentro Internacional Arte/Educación: grupos de investigación enREDE, al que fui invitada a hablar del proyecto aBarca – formación artística para jóvenes, desarrollado por la Escola Porto Iracema das Artes, buscamos trazar una narrativa en primera persona que contextualice la formación en artes visuales en un mundo pospandemia, a partir de dos experiencias en las ciudades de Quixadá y Crato. Presentamos cada experiencia para desarrollar un pensamiento sobre la relevancia de la educación intercultural en la formación en artes visuales en proyectos de Educación Artística.

PALABRAS CLAVE

Bordado. Pintar con agujas. Artes visuales. Educación Artística. Interculturalidad.

Para começar uma viagem

O presente texto se refere a minha participação na Mesa sobre Arte/Educação e interculturalidade, no Encontro Internacional de Arte/Educação: grupos de pesquisa enREDE¹, realizada no Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo, em dezembro de 2023. Fui convidada pela comissão para falar do projeto aBarca – formação em artes para as juventudes, desenvolvido pela Escola Porto Iracema das Artes², em alusão aos dois anos em que trabalhei nesse equipamento público cultural do Ceará.

O projeto aBarca recebeu aporte financeiro do Fundo Estadual de Combate à Pobreza (FECOP)³, permitindo à Escola desenvolver formações em dez cidades do Ceará, com a garantia de bolsas de estudo aos jovens de 15 a 29 anos em situação de vulnerabilidade social.

Nos dois anos em que estive na coordenação dos cursos básicos de artes visuais da Escola e no projeto aBarca, desenvolvi toda a programação formativa de 06 cidades (Caucaia, Maranguape, Maracanaú, Quixadá, Juazeiro do Norte e Crato). A escolha pelo recorte de apenas duas cidades para o presente texto é guiada pelo bordado, linguagem que gerou diferentes opiniões entre estudantes, instituição e exposições produzidas em cada cidade.

Busquei durante minha fala no evento em São Paulo reforçar a existência de políticas de formação em artes para as juventudes do estado, descrevendo sobre o equipamento e sobre linhas gerais do projeto. Trouxe para aquele momento o recorte de duas experiências com fios; o bordado e a pintura com agulhas – que aconteceram nas cidades do Crato e de Quixadá, respectivamente. Para o presente texto, vou me estender mais nas cidades, descrevendo e narrando sobre minhas impressões de pesquisadora e arte/educadora diante de cada cenário formativo.

Meu objetivo com esse texto é aprofundar sobre as experiências numa trajetória de formação em artes das regiões do estado do Ceará, desenvolvendo sobre o ofício criativo com a linha numa perspectiva crítica em meio às discussões sobre arte e interculturalidade, apresentando relatos e histórias de vida dentro desses meus dois anos no Projeto aBarca, e ainda, tramar sobre essas vivências com meu percurso formativo.

“Pega o guanabara e vem”

Malas prontas, bilhete na mão, saio da rodoviária Engenheiro João Tomé em Fortaleza, quase sempre no horário da noite, para aproveitar o dia seguinte desde a primeira hora, especialmente quando a viagem é para a cidade do Crato, a mais de 500km de Fortaleza. Nas principais rádios populares do estado a música que quase sempre toca é *Pega o Guanabara*, do autor cearense de forró Alanzin Coreano. A música se refere à Guanabara, empresa de transporte rodoviário, mesma empresa utilizada por mim para chegar aos municípios nesse período de Projeto aBarca, na canção, o eu-lírico insiste que seu amor venha ao seu encontro e minimize as distâncias de uma vez.

Como exercício fresco na memória, da recente experiência da tese de doutorado, vou criando rotas.

As rotas significam paradas físicas que tento fazer na cadência da escrita, é um nome para representar cada porção de terra chamada de cidade, minha maneira de reorganizar suas memórias produzidas em mim. Elas revelam um caminho possível para a leitura da pesquisa e organizam as experiências compartilhadas na tese (Moreira, 2021, p. 22).

Traçando em um mapa mentalmente sobre as distâncias entre as cidades, no montante de viagens já me perdi entre os destinos e as rodovias do Ceará. Desenho e redesenho o tempo e espaço entre os ofícios e burocracias, reescrevo trajetos entre as telas e inúmeras mensagens de *WhatsApp*. Estou na grande aventura de conhecer melhor meu estado, por dentro.

Crato, região centro-sul do Ceará, cidade marcada por uma rica cultura dos mestres e mestras e seus fazeres. Local que recentemente recebeu um centro cultural de grande porte, equipamento público com o objetivo de agregar uma macrorregião de mais de 20 municípios, o Cariri Cearense. Lá o projeto foi inteiramente construído com os professores artistas, bateu um recorde de inscrições até então não visto no projeto, mais de 200 jovens buscaram essa formação em artes visuais, a seleção incluiu a análise das rendas *per capita* declaradas nos formulários de inscrição.

Quixadá, região central do estado do Ceará, terra dos monólitos, cidade que fica a duas horas e meia da capital, cidade quente que tem a quentura abrandada pelo rio do Cedro, uma paisagem inconfundível, terra da pedra da galinha, famosa visualidade que ficou conhecida num dos filmes dos Trapalhões, na década de 90.

O Projeto aBarca teve como foco nesses dois anos (2022/2023) promover a formação em artes para a juventude em situação de vulnerabilidade social, através de percursos criativos compostos por módulos de 20 a 40 horas. Programei para cada cidade percursos de 150 horas, divididos em módulos de 20, 30 e 40 horas, respectivamente: módulo 01 (20h), módulos 02, 03 e 04 (30h) e módulo 05 (40h).

Tentando construir uma linha possível de formação para três meses de curso, pautei principalmente três aspectos: um currículo formativo construído entre mim e a equipe de professores; a busca por profissionais das cidades; e a escolha essencialmente de mulheres para o trabalho. A relevância das discussões sobre uma linguagem em razão de outra para as cidades, deu-se a partir das reuniões entre mim e a equipe docente.

Busquei ao máximo conhecer professores-artistas das cidades, poucas foram as vezes do intercâmbio entre profissionais da capital e estudantes, com o objetivo de fortalecer as cenas formativas de cada município, e assim, investir financeiramente para o circuito local. Além de promover o fortalecimento das

relações entre gerações dentro do campo cultural, apostar nas trocas significativas entre pessoas que convivem em uma mesma cidade e/ou região.

Considero como pista para a discussão que logo entrarei adiante, o fato de construir um programa formativo a partir das discussões que as pessoas do local consideram relevante quanto aos planos de conteúdo. Considero fundamental compreender sobre o que se produz de pensamento, arte e cultura em cada cidade, mesmo reconhecendo pouco tempo para um mergulho possível.

O caminho institucional adotado pela Escola foi a partir das secretarias de cultura ou células administrativas que mantém relação direta em seus municípios com artistas, gestores e produtores culturais, em cada município. Por meio de reuniões presenciais e on-line descobrimos em cada cidade um pouco de suas histórias de formação nas artes, cursos livres, professores engajados, pessoas que pouco a pouco fui conhecendo e negociando trabalhos.

Meu objetivo enquanto coordenadora, responsável por construir os percursos formativos, era a partir de cada proposta formativa apresentar brevemente a respeito de alguma linguagem nas artes visuais (seja desenho, gravura, poéticas contemporâneas), contextualizando-a em algum viés histórico e promovendo experimentação entre estudantes e professores, avaliando cada passo e construindo narrativas que poderiam ou não serem aproveitadas para a construção de uma exposição ao final de cada percurso.

Busquei ainda permear as discussões do percurso formativo incluindo assuntos como “Como viver de arte”, “Como produzir um portfólio”, “Como produzir uma minibiografia” e demais questões importantes para uma carreira artística, para que a juventude pudesse imaginar possível a vida profissional na arte.

Outra pista que antecipo aqui foram os dois anos em que conseguimos desenvolver um módulo sobre Gravura, com recorte direto na Xilogravura, tendo como professor o artista e mestre da cultura João Pedro do Juazeiro. Esse ponto

foi essencial para o fortalecimento das práticas de vida como maneira de fazer artístico, contar com a presença do mestre e produzir o encontro de gerações significa fazer sobreviver a prática e história da xilogravura entre demais gerações e dentro de um programa composto por demais linguagens, algo que geralmente se separa entre arte popular e arte contemporânea, por exemplo.

Um mapa de duas cidades

Quixadá e Crato se costuram aqui pelos fios de uma experiência com o bordado. Em nenhum momento foi dúvida a presença do bordado nos percursos formativos de artes visuais do Projeto aBarca. A proposta de um módulo com linhas coube perfeitamente diante das aulas dos outros módulos como desenho ou pintura, ou ainda, nos módulos finais em que as turmas eram convidadas a produzir uma exposição.

Em Quixadá houve, porém, uma surpresa. Eu não conhecia a experiência sobre pintura com agulhas e para além do plano de curso que recebi, assustou-me a lista de materiais – eram muitas meadas de linhas, em cores específicas e marcas também. A proposta da pintura com agulhas baseia-se fundamentalmente no trabalho com cores. O estudo das cores, que se caracteriza por um curso inteiro praticamente, em nosso percurso formativo teve apenas 30 horas, ou seja, duas semanas de aulas, dez dias corridos.

No Crato, o módulo de bordado já era algo conhecido por mim de uma experiência exitosa do ano anterior, na cidade vizinha, Juazeiro do Norte. Relacionar esse fazer tradicional às questões de identidade e à arte contemporânea foi o viés encontrado pela artista e arte-educadora Dinha Fonsêca. Porém, como em Quixadá, a lista de materiais também causava preocupação, pela quantidade e especificações, e o tempo também foi o mesmo, dez dias corridos, um módulo de 30 horas com 3 horas por dia de aula.

Nas duas cidades tivemos uma excelente estrutura para as aulas, assim como tivemos um bom número de estudantes, destaque para um altíssimo número de inscrições no Crato, mais de 150 inscrições para 15 vagas. Em nenhuma das cidades o tema “bordado” ou “agulhas” foi uma questão limitada a preconceitos de gênero por parte da turma de professores e gestões envolvidas. Geralmente, nas conversas entre gestões e instituições foi dado o mesmo exemplo do artista cearense Leonilson, como maneira de traduzir a relevância contemporânea do fazer com linhas.

Leonilson foi um artista da chamada Geração 80, nasceu em Fortaleza, mas viveu grande parte da vida artística em São Paulo.

Sua obra é predominantemente autobiográfica, com vocação para o registro da subjetividade, e está concentrada nos últimos dez anos de sua vida. Segundo a crítica Lisette Lagnado (1961), cada peça realizada pelo artista é construída como uma carta para um diário íntimo [...] Em 1989, começa a fazer uso de costuras e bordados, que passam a ser recorrentes em sua produção. É em 1989 que expõe *Anotações de viagem* na Galeria Luisa Strina, em São Paulo, apresentando peças feitas com botões, pedras semipreciosas e bordados, que introduzem um novo e fundamental procedimento em seu trabalho: a costura (Itaú cultural, on-line).

Diferente dessa referência habitual e necessária, as contribuições e referências das artistas-professoras de cada módulo ofertada nas cidades Quixadá e Crato vieram de mulheres. Das artesãs, de outras mulheres artistas e delas próprias, na dedicação de cada uma ao ofício de criar com linha. Exemplo disso é a pesquisa “O que pode uma mulher que borda?”⁴ videodocumentário produzido por Dinha Fonsêca, professora-artista responsável pelo módulo de bordado no Crato, uma pesquisa a partir de conversas com outras artistas bordadeiras da região do Cariri.

Nesse caminho de aproximar referências, o principal exercício que guiou o módulo com Dinha no Crato foi pedir que a turma de estudantes trabalhasse com suas fotos de família e pessoais compondo com palavras sensações de uma memória presente. O bordado como técnica ancestral foi desenvolvido por Dinha

como maneira de expressão a respeito de memória que atualiza nossas pegadas no mundo, desde a música predileta até os mais variados sentidos de pensar sobre si.

Foi uma ótima escolha para conexão com juventudes, começar falando e produzindo a partir da pergunta “Que música marcou a sua vida?” para construir relação com jovens de diferentes lugares, idades e desejos, ainda que num curto espaço de tempo. Nesse caminho, foi partindo de perguntas como a citada acima que a artista gerou engajamento e impacto para as produções da turma. Das respostas às perguntas, palavras tomaram rumo incerto (Figura 1), enquanto outras foram acompanhadas de imagens, fotografias de lembranças, memórias significativas que foram retomadas para anúncio de outras trajetórias, compondo uma ideia de que memória também é anunciação, futuro, possibilidades.

Figura 1 – Exercício de escrita das memórias. Fotografia e Bordado, 2023



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

No Crato, as produções partiam das histórias dos estudantes, relacionando o fazer dos pontos, o aprendizado e o desenvolvimento da técnica e, principalmente, conhecendo artistas e mestras, mulheres que naturalmente são

invisibilizadas em seu costurar, sendo deslocadas das histórias de artes pelo simples fato de serem mulheres. Diminuir as diferenças entre o que é arte erudita e arte popular também surgiu como consequência da escolha da linguagem do bordado para o percurso formativo.

Perguntas como “Por que uma arte que é popular não tem relevância financeira, enquanto a arte conceitual é considerada como erudita e tem mais apelo econômico?” Compreender como no exemplo do artista Leonilson – considerado como uma grande referência na arte contemporânea também pelo uso dos tecidos – tem maior relevância e conhecimento de sua história no universo das artes, do que artistas mulheres que também trabalham com tecido e costuras, há gerações.

Imaginar, pensar, discutir, produzir imagens, pensamentos, discussões nas artes diretamente com artistas e a partir de um contexto pedagógico, estruturado em perspectivas teóricas e práticas, foi o principal resultado do percurso formativo em artes visuais no Crato.

Para Dinha, o objetivo do módulo diz respeito a atualizar e reescrever memórias, para a construção de futuros, pensado para jovens que não tinham experiências com artes, o módulo buscou olhar o tempo em trânsito, reconhecendo passado, presente e futuros. Esse foi o segundo módulo do percurso formativo, depois dele vieram mais dois módulos até chegar ao módulo final no qual a turma, orientada por outro artista-professor, desenvolveu uma exposição chamada *Deslocamento das memórias* (Figura 2).

Figura 2 – Exposição “Deslocamento das memórias”, 2023



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Finalizar a formação com uma exposição fazia parte do objetivo geral do percurso, por isso, fundamental criar um espaço de troca e mediação entre jovens e professores para a montagem de uma mostra com os trabalhos desenvolvidos ao longo do tempo. Na imagem acima, registrei parte dos bordados que entraram para a exposição. Cada exercício ajudou a construir uma memória do percurso e da turma, reconhecendo como fundamental para o próprio mote da mostra os dias de aula do módulo de bordado, em que os jovens foram remexidos por dentro com fins de elaborar imagens e pensamentos a respeito de suas histórias de vida.

Um ponto nesse mapa se faz necessário, uma parada na viagem para saber sobre a relevância do bordado e da pintura com agulhas no contexto de uma formação em artes visuais, ou segundo Luciana Borre (2021, p. 25), das práticas e narrativas têxteis contemporâneas, para a autora, essas práticas são:

[...] as inúmeras ações poéticas que utilizam distintas materialidades e/ou concepções têxteis, desde o bordado, o crochê, o tricô, a tapeçaria [...] até a pesquisa de fibras e tramas digitais, praticadas por artistas, artesãs/ãos, estudantes, desejantes e curiosas/os para visibilizar narrativas pessoais e/ou de grupos e comunidades. É quando o têxtil em sua materialidade ou conceituação – ou mirabolações – se torna imprescindível aos processos de criação (não somente de artistas).

Nesse sentido, ressalto sobre o objetivo da oferta dos dois módulos de trabalho com linhas; fazer conhecer sobre as práticas com o bordado e com a pintura com agulhas para compor narrativas e visualidades, num exercício criativo e pedagógico, conhecendo no ofício demais artistas que tramam sobre suas narrativas de vida a partir do têxtil.

Em Quixadá, o módulo Pintura com agulhas foi promovido pela artista Diná Matias. Diferente do módulo no Crato, o objetivo desse módulo foi o de apresentar sobre essa linguagem, focando no uso das cores, na construção das imagens e no repasse da técnica do bordado.

Porém, o que une as duas cidades, para além de suas trajetórias de relação com mestres e mestras, nessas experiências com linhas, tanto em Quixadá como no Crato, as artistas-professoras conseguiram se conectar com as turmas ao ponto de que as pessoas que menos se relacionaram com o fazer com linhas se dedicassem ao exercício, assim todo mundo presente em cada módulo fez bordado, pôs linha na agulha e produziu em seu bastidor.

Na imagem a seguir (Figura 3), relembro o caso de um dos estudantes que resolveu desenvolver diferentes maneiras de desenhar o personagem pica-pau, figura ilustre do desenho animado estado-unidense, o curioso é que em cada módulo, o aluno achava uma maneira de representar o personagem animado. No registro abaixo percebemos a importância do estudo entre cores, entre a luz e a sombra. O degradê é um elemento importante nessa construção, portanto um estudo básico sobre o círculo cromático foi indispensável.

Figura 3 – Pintura com agulhas, detalhe de exercício, 2023



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Para o trabalho nesse módulo, a artista propôs que cada jovem escolhesse imagens na internet, guiados pelo desejo de reproduzir e treinar o exercício com fios, portanto, além do pássaro pica-pau, surgiram objetos e figuras comuns, do cotidiano, mas que a partir do bordado receberam foco e singularidade, inclusive pelo simples fato da reprodução, especialmente pela reprodução figurativa e orientada pela professora, para muitos uma conquista.

O módulo Pintura com agulhas foi o quarto módulo de cinco, como na experiência do Crato, uma pequena formação de 30 horas, dez dias seguidos de aula. Pouco tempo, mas necessário para organizar todas as vivências do projeto e iniciar o período de curadoria e expografia da exposição dos alunos a alunas, chamada *Proкуро-me*.

A exposição *Proкуро-me* (Figura 04) envolveu todos os estudantes e foi orientada por dois artistas-professores, destaco a singularidade de um trabalho de mediação por excelência, em que cada jovem propôs e discutiu sobre a ausência ou presença dos exercícios de criação produzidos por todo percurso formativo. Assim, cada turma passou pela experiência de entender na prática o que é a

curadoria, montando seus trabalhos num campo discursivo típico de uma exposição, composto por títulos, ficha técnica, argumentos sobre as obras, preparar cerimonial de abertura, montar programação etc.

Figura 4 – Registro de aulas e da exposição *Procuro-me*



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Busquei situar e descrever cada experiência, no Crato e em Quixadá, adiante alinhavo as discussões e analiso as contribuições de um ensino intercultural para pensar projetos de formação em Arte/Educação como o projeto aBarca, refletindo a partir de situações que surgiram ao longo dos processos formativos nesse mapa.

Interculturalidade e as contribuições para o ensino de artes

A concepção de um programa formativo para o projeto aBarca contempla as discussões de um ensino de artes que compreende a trajetória dos estudantes, buscando gerar interesse e engajamento no fazer artístico dentro de um contexto social e político, de respeito à diversidade, às histórias de vida e suas referências visuais e artísticas. A composição da equipe de professores foi pautada por essas orientações, encarando a experiência de ensino como um espaço de mediação, para além da partilha de saberes.

Nas duas cidades conseguimos formar uma turma de artistas-professores, com pessoas da cidade, nas mais distintas linguagens. Imaginando partir de conceitos amplos das artes, como o traço, a linha, elementos visuais, atravessando territórios da pintura, da gravura e do bordado.

Como explorado no tópico anterior, a experiência com as linhas em Quixadá e no Crato chamaram a atenção pela multiplicidade de possibilidades de produções e diálogos entre estudantes, nesse tópico apresento alguns argumentos que surgiram a partir da proposta de execução dos módulos em cada cidade.

No que se refere ao trato entre professoras e estudantes foram apontadas as seguintes frases/pensamentos; “Isso de bordado não é pra homem fazer”, “Eu só escolhi fazer o curso por causa desse módulo” e “Eu já fiz cursos de bordados antes e não preciso dessas aulas”.

Já no que diz respeito às gestões, sejam estaduais e/ou municipais, foi apontado que os materiais para as aulas eram caros demais e o estranhamento de um módulo de bordado dentro de uma formação em artes visuais, sob o seguinte argumento final: “E a gente virou o Centro Cultural Bom Jardim, agora?”. Sobre o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ) falarei nas considerações finais.

Analisar cada ideia/frase/argumento nos faz compreender as fissuras entre o conceito de arte e a presença de uma produção criativa de viés popular, que também é arte, como é o trabalho com linhas. Para Ivone Ritzer a interculturalidade “[...] seria, portanto, o mais adequado a um ensino-aprendizagem em artes que se proponha a estabelecer a inter-relação entre os códigos culturais de diferentes grupos culturais.

Dessa maneira, conseguimos manejar um caminho para cada questão levantada no início desse tópico, compreendendo cada frase/argumento a partir de um local dissociado entre arte popular e erudita, por exemplo. Ou mesmo, sobre

fazeres restritos a homens ou a mulheres. Ou ainda, sobre a relação de representatividade e de categorias de linguagens restritas a mulheres ou homens.

A frase “Isso de bordado não é pra homem fazer”, cortou nossos encontros de avaliação entre coordenação e estudantes. A frase se referiu a um estudante que pontuou a sua ideia sobre o bordado, segundo ele, trabalhar com agulhas para produzir imagem se tornou a grande reviravolta em sua maneira de compreender arte, estou me referindo à oficina de pintura com fios, em Quixadá. Já a frase “Eu só escolhi fazer o curso por causa desse módulo”, também dita em reunião de avaliação entre coordenação e estudantes, partiu de uma estudante que comentou ter escolhido o percurso especialmente por conta desse módulo. E finalmente, a frase “Eu já fiz cursos de bordados antes e não preciso dessas aulas” se referiu ao módulo ofertado no Crato, revelando não ver sentido em aprender de novo a mesma coisa.

As duas primeiras frases, que se relacionam à oficina feita em Quixadá, se unem em discussões sobre diversidade e gênero. Enquanto um aluno, cis hetero revelou que inicialmente pensou que aquele módulo não seria importante, pois não era coisa de homem, ele reforça o mito de que o trabalho manual é restrito às mulheres, mesmo com tantos exemplos de arte têxtil nas artes produzidos por homens.

A provocação que um ensino intercultural, que relaciona as diferenças na busca pela troca de saberes, investindo na diferença como elo para mediação de mundo, cabe nesse argumento. Segundo Ritcher (2000, p. 27):

Os/as educadores/as devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus/suas alunos/as em diferentes códigos culturais, a compreensão da existência de processos culturais comuns às culturas, e a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas.

Ao final de todo percurso, durante essa mesma avaliação, em que o aluno refletiu sobre si antes e depois de mergulhar nas propostas pedagógicas de cada

artista-professor, foi pontuado por outra estudante sobre como foi interessante perceber evolução das discussões e práticas do percurso, lembrando sobre cada módulo e suas contribuições para o processo final de montagem de exposição.

Para mim, como educadora e na situação de coordenadora de cada percurso formativo, foi uma intensa alegria acompanhar o caminho desse pensamento se desabrochar livremente em uma conversa coletiva. Perceber que alguns alunos compreendiam sobre a proposta construída entre mim e a turma de professores, e ainda mais, perceber uma “virada de chave” do aluno que entendia haver artes e fazeres restritos a mulheres ou aos homens, foi uma sensação de trabalho feito no caminho acertado.

Acompanhei ao máximo a realidade vivenciada entre professores e estudantes, buscava estar com as turmas e professores a cada início ou término de módulos. Falar sobre as turmas, a diversidade de gênero e raça trazida nas questões e opções de produção artística das juventudes seria uma pesquisa intensa, especialmente em se tratando do conteúdo “itinerância” tão caro para mim.

Esse exercício que trouxe no texto de rememorar a partir de algumas falas e imagens foi o início de uma caminhada possível nas discussões sobre juventudes e ensino de artes, experiências de educação não-formal e as contribuições da educação intercultural.

“E a gente virou o CCBJ?”

O CCBJ é o Centro Cultural Bom Jardim, um equipamento cultural do estado do Ceará que está localizado no grande Bom Jardim, bairro da periferia de Fortaleza. É um espaço composto por ampla formação em artes, gratuito e aberto a todos os públicos, que reconhece a participação ativa da comunidade no manejo do próprio equipamento. Diante desse recorte incomum de participação popular a maioria dos cursos oferecidos nesse espaço guarda características mais relacionadas à discussão sobre impacto social e na periferia.

Numa perspectiva de promoção de formação em artes, ser comparado ao CCBJ deveria ser um elogio, mas nitidamente, a observação feita de que por conta da oferta de dois módulos de bordado nos percursos formativos do aBarca estaríamos nos assemelhando ao equipamento cultural do Bom Jardim foi uma crítica negativa.

Caminhar nesse texto é revisar a importância de construir um pensamento global de respeito às diferenças, não só por parte das turmas, dos alunos e das alunas, mas por todos, reconhecendo que as gestões (municipais com as secretarias, estaduais como células de apoio e os próprios equipamentos culturais) ainda estão longe de compreender sobre seus ofícios de prestação de serviço público, pensado e pautado para e pelas pessoas a quem nos relacionamos, no caso do projeto, as juventudes.

Reconhecer o bordado como uma técnica ancestral, presente em todos os lares, seja pela técnica ou alguma peça de bordado, crochê, tecidos gravados com os nomes das pessoas, enfim, toda sorte de produtos que se reconhece de longe quando se vê é compreender sua contemporaneidade. Borrar essas fronteiras já nem é mais uma pauta necessária, ou não deveria. O popular é contemporâneo, presente e vivo, pois está no meio do povo.

Os argumentos, relatos, imagens e contribuições da interculturalidade para a discussão são passos fincados no chão para revelar a importância histórica desse registro. Contar a história pelo viés dos acontecimentos, breves comentários de jovens e professores me reforça sobre minha caminhada no mundo como artista e educadora. Não coube situar sobre os percursos formativos institucionais e oficiais de cada cidade, e compor relação entre tais instâncias e o projeto aBarca, o tempo não permitiu esse decantar o campo observado, no intervalo entre minha fala ao vivo em São Paulo no Encontro Internacional de Arte/Educação: grupos de pesquisa enrede e esses dias de julho em que escrevo, saí do projeto.

Falo, portanto, a partir de relatos e relatórios, imagens que registrei entre as aulas e a itinerância composta através do Guanabara. Falo pela memória e pelas imagens, pelas conversas com as professoras e com alguns alunos que surgem de quando em quando perguntando sobre o projeto para esse ano de 2024.

A aventura sobe, reflito sobre os meus próximos passos dessa viagem-vida, imagino produzir outras formações como foram os percursos do projeto, rascunho, revejo, faço orçamentos e volto às cidades, a mediação que nos guia como corpo docente se encontra em novas viagens de volta ao Cariri, o que fica é a vontade de promover o encontro, entre arte, professores, contextos e materiais. Nesse movimento, estamos na busca sobre a história formativa dessas cidades, no que diz sobre registro histórico das artes visuais no Ceará.

Notas

- ¹ Evento transmitido e gravado, disponível em: <https://www.youtube.com/live/b8qdlx6BPg>
- ² A Porto Iracema das Artes é a escola de formação e criação em artes do Governo do Estado do Ceará, instituição da Secretaria da Cultura (Secult) gerida em parceria com o Instituto Dragão do Mar (IDM). Criada em 29 de agosto de 2013, há onze anos desenvolve processos formativos nas áreas de Música, Dança, Artes Visuais, Cinema e Teatro, com a oferta de Cursos Básicos e Técnicos, além de Laboratórios de Criação. Todas as ações oferecidas são gratuitas. Ver mais em: <https://portoiracemadasartes.org.br/>
- ³ FECOP é o Fundo Estadual de Combate à Pobreza, criado através da Lei Complementar nº 37, de 26/11/2003 (DOE de 27/11/2003), e regulamentado pelo Decreto nº 29.910, de 29/09/2009 (DOE de 30/09/2009), trata-se de um Fundo Especial de Gestão, de natureza contábil, cuja finalidade consiste em viabilizar, para a população pobre e extremamente pobre do Estado do Ceará, acesso a níveis dignos de subsistência, mediante a aplicação de recursos em ações suplementares de assistência social, nutrição, habitação, educação, saúde, saneamento básico, reforço da renda familiar, combate à seca, desenvolvimento infantil, e outros programas de relevante interesse social, de modo a promover a melhoria da qualidade de vida. Ver mais em: <https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/institucional/o-que-e-o-fecop/>
- ⁴ Videodocumentário “O que pode uma mulher que borda?” – Disponível no canal da Escola: https://www.youtube.com/watch?v=dK6lwEkKb9o&t=1s&ab_channel=PortoiracemaDasArtes

Referências

LEONILSON. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8742/leonilson>. Acesso em: 27 jul. 2024. Verbete da Enciclopédia.

MOREIRA, Antonia Camila Alves. *Mediações urbanas em rotas autobiográficas: processos de formação em Artes a partir dos graffiti do Selo Coletivo (CE) e das Minas de Minas Crew (MG)*. 2021. 222 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

NUNES, Luciana Borre; ANDRADE, Luana (Org.). *Tramações* [recurso eletrônico]: a memória e o têxtil / organizadoras: Luciana Borre, Luana Andrade. Recife: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed. UFPE, 2021. ISBN 978-65-5962-046-3 (on-line). Disponível em: <https://zenodo.org/records/10626065>. Acesso em: 30 jul. 2024.

RITCHER, Ivone. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. 2000. 248 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

Antonia Camila Alves Moreira

É educadora, pesquisadora e artista no campo das Artes Visuais. Compõe uma trajetória acadêmica que envolve as Licenciaturas em Letras e em Artes Visuais, além de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual. É cearense de Fortaleza, dedica-se às questões da Mediação, seja em museus ou demais espaços de formação, partindo e voltando às imagens, seus processos de criação, pensamento e culturas, nesse caminho esteve em diversos equipamentos institucionais de cultura do Estado atuante nos setores de educação e programação pedagógica.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3767-4170>

E-mail: camilaalves33@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2473820173383313>

*Recebido em 3 de agosto de 2024
Aceito em 17 de outubro de 2024*

